

# A NÃO-IDENTIDADE NO NÃO-LUGAR NAS MEMÓRIAS DE HUGO HAMILTON\*

 10.5935/2177-6644.20220035

THE NON-IDENTITY IN THE NON-PLACE  
IN HUGO HAMILTON'S MEMOIRS

LA NO-IDENTIDAD EN EL NO-LUGAR EN  
LAS MEMORIAS DE HUGO HAMILTON

Patricia De Aquino \*\*

 <https://orcid.org/0000-0002-5549-3063>

**Resumo:** Hugo Hamilton, em *The Speckled People* e *The Sailor in the Wardrobe*, explora sua complexa formação identitária dentro da família alemã e anglo-irlandesa entre 1950 e 1960. Na tentativa de se livrar de sua formação identitária, o autor-personagem cria um projeto de não-identidade no não-lugar. Este trabalho analisa a (im)possibilidade de tal projeto e suas implicações entre identidade e história.

**Palavras-chave:** Literatura Irlandesa. Identidade. História.

**Abstract:** Hugo Hamilton, in *The Speckled People* and *The Sailor in the Wardrobe*, explores his complex identity formation within his German and Anglo-Irish family between 1950 and 1960. In an attempt to get rid of his identity, the author-character creates a project of non-identity in the non-place. This work analyzes the (im)possibility of such a project and its implications in his identity and history.

**Key-words:** Irish Literature. Identity. History.

**Resumen:** Hugo Hamilton, en *The Speckled People* y *The Sailor in the Wardrobe*, explora su compleja formación identitaria dentro de la familia alemana y anglo-irlandesa entre 1950 y 1960. En un intento por deshacerse de su formación identitaria, el autor-personaje crea un proyecto de la no identidad en el no lugar. Este trabajo analiza la (im)possibilidade de tal proyecto y sus implicaciones entre identidad e historia.

**Palabras-clave:** Literatura Irlandesa. Identidad. Historia.

\* Este trabalho constitui-se de um recorte de minha dissertação de mestrado intitulada *Em busca da inocência: o percurso identitário de Hugo Hamilton em suas memórias The Speckled People e the Sailor in the Wardrobe*, apresentando ao Programa de Estudos Linguísticos e Literários da Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

\*\* Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (USP) com doutorado sanduíche na *University College Dublin* (UCD - Irlanda). Professora responsável pelas Relações Internacionais da Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS).   
<http://lattes.cnpq.br/2106194935733205> - E-mail: [patriciadeaquino@yahoo.com.br](mailto:patriciadeaquino@yahoo.com.br)

Os livros de memórias do escritor irlandês Hugo Hamilton, *The Speckled People* e *The Sailor in the Wardrobe*<sup>1</sup>, relatam sua experiência crescendo em Dublin nas décadas de 1950 e 1960 com uma mãe alemã fugida da Alemanha após a Segunda Guerra Mundial, e um pai irlandês, um nacionalista fervoroso que proibia sua família de ter contato com a cultura e a língua inglesa (GOUEZ, 2008).

Suas memórias foram aclamadas pelo público e pela crítica. O livro esteve na lista de livros mais notáveis do ano do jornal de *The New York Times* e ganhou diversos prêmios, dentre eles o prêmio *Prix Femina Étrangère*, por sua tradução francesa e o *Prêmio Berto*, por sua tradução italiana em 2004. *The Speckled People* evoca o estilo das primeiras páginas do *Retrato do Artista Quando Jovem* de James Joyce ao narrar, de forma ficcional e com um toque de inocência, o mundo sob o olhar de uma criança (LEE, 2003).

A sequência *The Sailor in the Wardrobe*, segundo Terry Eagleton (2006) é uma obra encantadora que relata a tentativa de Hamilton de fugir da sua identidade, de escapar da história e se tornar um ninguém, seguindo a tradição do “ninguém beckettiano”. Eagleton explica que se no primeiro livro de memórias os conflitos de Hamilton estão fincados nos âmbitos privado e familiar; no segundo, uma década mais tarde, seus conflitos estão totalmente conectados com os conflitos locais, na Irlanda do Norte, e mundiais, com a Guerra do Vietnã e com os Movimentos de Direitos Humanos liderados por Martin Luther King.

Para Hamilton, escrever suas memórias era a única forma de explicar a profunda confusão de sua infância. Desde cedo, ele e seus irmãos eram as crianças "saudosas de casa"<sup>2</sup> lutando com a ideia de identidade e com as histórias irlandesa e alemã. Segundo ele, não havia com quem discutir sobre sua identidade mista, meio alemã e meio irlandesa. Não havia naquele tempo outras crianças como ele e tampouco algum grupo étnico ao qual pudesse se afiliar. Ele queria saber quem era, irlandês ou alemão. Como escritor de suas memórias, o autor entende que seu maior desafio não era simplesmente contar sob os olhos de uma criança as estranhas anedotas que marcaram sua infância, mas principalmente interpretar os eventos históricos e recriar a batalha linguística imposta pelo seu pai (RANDOLPH, 2010).

Os livros de memórias transcrevem a biografia do autor, de forma episódica e não cronológica, e apresentam uma problemática central: a (des)construção de sua identidade<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> As memórias do escritor Hugo Hamilton ainda não foram traduzidas para o português. Os trechos traduzidos nesse artigo são de minha autoria.

<sup>2</sup> Tradução livre e adaptação da expressão “the homesick children” utilizada por Hugo Hamilton para descrever a condição que caracterizava a experiência que ele e seus irmãos viviam na infância.

<sup>3</sup> Como estamos diante de uma obra autobiográfica, utilizaremos, na maior parte do tempo, formas de tratamento

Hugo Hamilton nasceu em Dublin em 1953. Sua mãe, Irmgard, refugiou-se na Irlanda como peregrina ao término da Segunda Guerra Mundial, depois de ter servido involuntariamente o exército de Hitler pela Liga das Garotas Germânicas (*Bund Deutscher Mädel*)<sup>4</sup>. Nascida na pequena cidade de Kempen na região noroeste do Rio Reno<sup>5</sup>, ela acompanhou o crescimento do Partido Nazista e as transformações desastrosas que causou a sua família. Seu pai, Franz Kaiser, serviu o exército alemão na Primeira Guerra Mundial e morreu quando ela tinha apenas nove anos de idade. Sua mãe, Berta Kaiser, morreu pouco tempo depois de seu pai. Depois da morte de seus pais, Irmgard e suas quatro irmãs foram morar com seu tio, Gerd Kaiser, prefeito de Kempen. Com a crescente dominação do Partido Nazista, Gerd Kaiser foi deposto de seu cargo por se negar a se filiar ao Partido<sup>6</sup>. Para ajudar seu tio e sua família, Irmgard decidiu procurar emprego. Antes da Segunda Guerra, seu primeiro trabalho foi em um cartório de registros no qual uma de suas funções era emitir atestados de origem judaica<sup>7</sup>. Em seu segundo trabalho, aos dezenove anos, Irmgard

---

distintas para diferenciar entre o escritor e o personagem. Para nos referirmos ao escritor, utilizaremos seu sobrenome, Hamilton, ou as palavras "escritor" e "autor". Quando nos referirmos ao personagem de Hamilton dentro da narrativa, o chamaremos de Hugo, narrador, personagem ou protagonista. Essa é uma tentativa de clarear os papéis, já que entendemos que o autor cria uma ficção de sua própria história de vida.

<sup>4</sup> *Bund Deutscher Mädel* (BDM) era uma liga para jovens garotas de idade entre 14 e 21 anos. Alguns dos principais objetivos da Liga eram preparar as futuras mães do exército de Hitler, servir o povo alemão e lutar pelas causas do Nacional Socialismo (GORDON, 2005). Estabelecida em 1930, três anos mais tarde se tornou parte da Juventude de Hitler (*Hitlerjugend*) e em março de 1939 passou a ter filiação compulsória. Em setembro do mesmo ano, todas as garotas afiliadas a BDM foram obrigatoriamente transferidas para o Serviço de Trabalho do Reich (*Reichsarbeitsdienst*). Neste novo serviço, contribuíram com apoio a Segunda Guerra através do trabalho na agricultura, em indústrias, especialmente de munição, atendimentos em hospitais, escolas, serviços postais e meios de transporte (GUENTHER, 2004).

<sup>5</sup> O Rio Reno é o rio de maior extensão da Alemanha. Sua região de entorno, conhecida como *Rheinland*, foi ocupada pelos exércitos aliados ao término da Primeira Guerra. Segundo Pawley (2007), a região de Kempen fazia parte da zona de ocupação belga, conforme definido no Tratado de Versailes em junho de 1919. O Rio foi utilizado como uma barreira natural para a nova delimitação de território alemão, que ficou dividido entre França, Estados Unidos, Reino Unido e Bélgica. A ocupação da região do Rio Reno durou de 1920 a 1935. Foi considerada bastante ofensiva para os alemães, atuou como uma força propulsora do sentimento nacionalista e se tornou um dos principais centros de atividade e propaganda do emergente Partido Nazista. Em março de 1936 foi ocupada pelas tropas alemãs de Hitler. A esta operação foi dado o nome de Treinamento (*Schulung*) e foi entendida como um treinamento prévio para as futuras invasões da Áustria (1938), Checoslováquia e Polônia (1939).

<sup>6</sup> O Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* - NSDAP), conhecido como Partido Nazista surge em 1920 a partir do crescimento do pequeno partido político chamado Partido dos Trabalhadores Alemães (*Deutsche Arbeiterpartei* – DAP), fundado em 1919 e que já contava com a liderança de Adolf Hitler. Desde sua filiação ao DAP, Hitler era reconhecidamente um líder propagandista e logo assumiu um cargo no comitê executivo no partido. Foi um dos principais responsáveis pelo seu crescimento, através da adesão de novos membros com a expansiva divulgação de seus ideais nacionalistas, antisemitas, anticomunistas, antirrepublicanos e contrários ao Tratado de Versailes. (ORLOW, 2010)

<sup>7</sup> Emitir atestados de origem e ascendência familiar foi uma prática que se tornou obrigatória na Alemanha a partir de 1935 com as Leis de Nuremberg. Estas leis determinavam que um indivíduo só pudesse ser considerado cidadão com plenos poderes e direitos civis se comprovasse ter sangue alemão. As leis também deixavam clara a necessidade de concessão de cidadania através de documentos oficiais emitidos pelo Reich. Desta forma, o atestado de origem alemã era um documento que certificava a distinção da raça ariana das outras raças, especialmente, judaica. Eram considerados cidadãos alemães aqueles que tivessem puro sangue alemão ou aqueles que tivessem até dois avós que fossem racialmente completamente judeus e não pertencessem a nenhuma comunidade religiosa judaica. A este grupo

trabalhou em uma agência de empregos em Dusseldorf. Seu novo chefe, Herr Stiegler, um homem com forte influência na *Waffen SS*<sup>8</sup>, usou como pretexto uma promoção de cargo para realocá-la para a cidade de Venlo e estuprá-la. Antes de fugir para a Irlanda, Irmgard ainda trabalhou em cortes de desnazificação<sup>9</sup> estabelecidas pelos americanos na qual foi ameaçada por um oficial alemão corrupto que queria sua participação para punir pessoas inocentes.

Trazendo na bagagem uma vida destruída pelas guerras, Irmgard, em seu novo país, conheceu Jack Hamilton, um nacionalista irlandês fervoroso que admirava a cultura e língua alemãs e negava sua origem anglofônica. Jack nasceu na pequena cidade de Leap no condado de Cork, na região sul da Irlanda. Seu pai, John Hamilton, foi um oficial da Marinha Real Britânica. Alistou-se aos 15 anos e lutou em diversos navios de guerra até os 28 anos de idade, quando perdeu a memória por causa de um acidente em um navio. Jack Hamilton desprezava sua origem e história de vida. Jack queria deixar o país quando conseguiu uma bolsa de estudos na faculdade para estudar engenharia. Ele não emigrou, mas mudou-se para Dublin. Como símbolo de sua tentativa de escapar da identidade recebida em sua infância, Jack decidiu mudar seu nome. Criou uma versão irlandesa para seu nome, Séan, e optou por nunca mais olhar para trás em sua história. Durante a faculdade, começou a aprender alemão e a se interessar pela cultura alemã. Passou a fazer parte de um grupo

---

de alemães de raça misturada era dado o nome de *Mischling* (RWILLY; KAUFFMAN; BODINO, 2003). Estes eram submetidos a um teste para que fosse determinado em que categoria racial seriam enquadrados. *Mischlings* de segundo grau tinham um avô judeu e *Mischlings* de primeiro grau tinham dois avós judeus. As leis também proibiam novos casamentos mistos. As práticas antissemitas são anteriores as Leis de Nuremberg, no entanto, foram estas que legalizaram o sistema de segregação e definiram legalmente a questão racial (STACKELBERG, 2002). O certificado de origem se tornou o documento mais importante que uma pessoa poderia ter e a nova profissão, pesquisador genealógico (*sippenforscher*) cresceu muito a partir de 1935. Depois da primeira promulgação das Leis de Nuremberg, outros treze decretos suplementares extinguíram de vez todo e qualquer direito civil e social dos judeus, acabando também com o direito à cidadania para o grupo dos *Mischlings* (SCHLEUNES, 1990).

<sup>8</sup> *Waffen SS* era uma polícia de elite do Partido Nazista para a proteção pessoal de Hitler e outros líderes. Surge a partir de necessidade crescente de criar uma polícia especializada já que o esquadrão militar do Partido, a SA (*Sturmabteilung* ou também conhecida como *Storm Troopers* em inglês) havia se tornado uma polícia de massa e fora extinta. Até 1933, a SS (*Sicherheitspolizei*) era um grupo pequeno de espionagem do Partido Nazista, não institucional e servia apenas como guarda de alerta. Em 1936, se tornou uma divisão do sistema de Polícia Geral do Reich e expandiu muito. Com a proximidade da Segunda Guerra, uma nova divisão da SS, a *Waffen SS*, foi criada de forma mais especializada para a proteção de Hitler e seus líderes, e se tornou a elite do exército alemão (STEIN, 1966).

<sup>9</sup> As Cortes de Desnazificação foram estabelecidas a partir de 1945 pelos Aliados, vencedores da Segunda Guerra, como parte de um Programa de Desnazificação. Tal programa tinha por objetivo prevenir a recorrência do sentimento nacionalista alemão e visava atingir todos os indivíduos que eram afiliados ao Partido Nazista. Este objetivo foi considerado muito amplo e tornou-se o motivo de fracasso do Programa já que toda população alemã havia sido obrigada por lei a se filiar ao Partido Nazista ainda antes da Guerra (SZANAJDA, 2007). O Programa consistia na remoção de símbolos nazistas e em vasculhar o passado político e profissional de milhões de alemães através de questionários. Os julgados eram enquadrados em cinco categorias que variavam entre altamente incriminado a não incriminado. A punição aplicada poderia ser prisão, confisco de propriedade e suspensão do direito de votar. Na zona de ocupação americana, localizada no sudoeste alemão, o principal período das cortes foi de 1945 a 1948. Neste período, cerca de 13 milhões de alemães foram julgados e 1% punido (WEBER, 2004).

político católico com tendências fascistas chamado *Aiséiri*<sup>10</sup> e participou ativamente de movimentos políticos nacionalistas. Recitava os próprios discursos na rua O'Connell, rua no centro de Dublin que foi palco de grandes discursos e feitos políticos, e escrevia artigos para o jornal criado pelo grupo político ao qual pertencia. Jack começou a ser perseguido pela polícia por causa de sua campanha política. Oficiais do governo irlandês queriam barrar um dos artigos que ele escreveu e fechar o jornal. A campanha política continuou, mas ficou enfraquecida. A partir de então, ele decidiu investir em outro projeto político nacionalista que considerava ser ainda melhor e mais eficaz do que o primeiro: constituir uma nação através da família. Foi assim que ao conhecer Irmgard Kaiser, eles começaram uma nova família, meio alemã e meio irlandesa. Segundo ele, havia muito que ser feito até que a Irlanda fosse purificada de toda influência anglicana. Enquanto a Irlanda ainda dependesse da Grã-Bretanha para conseguir empregos e enquanto falasse a mesma língua, não havia independência. Jack entendia que sua nova maneira de lutar, através de seus filhos, era mais poderosa do que exércitos, discursos, artigos ou cartas para o governo. Dessa forma, a partir da união entre Irmgard e Jack Hamilton, nasce Hugo Hamilton, o segundo irmão mais velho da nova família-nação composta por seis irmãos.

Nas primeiras páginas de seus dois livros de memórias, o escritor Hugo Hamilton apresenta algumas comparações que nos mostram como a sua identidade é formada:

Quando você é criança, você não sabe de nada. Você não sabe onde está, quem você é, ou o que perguntar. [...] Quando você é pequeno, você é um pedaço de papel em branco com nada escrito. Meu pai escreve seu nome em irlandês, minha mãe escreve o dela em alemão e fica um espaço em branco ao redor para todas as pessoas lá de fora que falam inglês (HAMILTON, 2003, p. 2-3).

Neste primeiro trecho de seu primeiro livro de memórias, Hamilton introduz algumas informações importantes sobre o estágio inicial de formação de sua identidade. Ao nascer, o narrador considera que nada sabemos a respeito do mundo ao nosso redor. O desconhecimento do

<sup>10</sup> Grupo de extrema direita nacionalista chamado de Arquetos da Ressurreição (*Ailtirí na h-Aiséiri*) fundado por Gearóid Ó Cuinneagáin (o qual é o provável amigo do pai de Hugo Hamilton da narrativa) em 1940 como desmembramento da Liga Gaélica (*Gaelic League*). Seu principal objetivo era acelerar o processo de expansão da língua e cultura gaélica e acabar com a divisão territorial da Irlanda. Publicavam um pequeno jornal, organizado por um produtor de cinema, Liam Ó Laoghaire, o romancista Séamus Ó Neill e Ciáran Ó Nuallain, irmão de Flann O' Brien. Em 1942, Ó Cuinneagáin insatisfeito com as perspectivas, reformulou seu grupo, com propostas mais radicais que pregavam a abolição do sistema de partidos políticos, a implantação de um único líder nacional e a imposição da língua gaélica como língua nacional obrigatória. Sua fundamentação política não era oficialmente comunista e nem fascista, mas uma forma atualizada de cristandade e contrária ao liberalismo econômico inglês. Em 1943, lançou um filme que fazia a propaganda do grupo, contando com cenas de discursos políticos na Rua O'Connell no centro de Dublin e com uma marcha até a divisa da Irlanda do Norte. Por esta marcha, Ó Cuinneagáine alguns integrantes foram presos. O grupo chegou ao auge em 1944 quando conseguiu eleger 12 representantes. Era um grupo xenofóbico, mas não declaradamente antissemita (WILLS, 2007).

mundo é o ponto de partida para a formação do sujeito, segundo a sua perspectiva.

A fim de demonstrar como esse estado de desconhecimento é transformado, o narrador faz uma comparação com a folha em branco. Se ao nascer, ele julga ser como uma folha em branco, ou seja, aparentemente vazio e desconhecedor do mundo, ao receber o nome de seus pais, cada qual escrito em uma língua, ele passa a ocupar uma posição específica no mundo e adquire uma identidade. Através desta inscrição de nomes na folha em branco, ele demonstra que sua identidade é um recorte do todo e que é marcada por dois signos linguísticos que se diferenciam do espaço em branco ao redor, representado pela língua inglesa. No entanto, esta identidade não foi escolhida por ele, tampouco é uma identidade individual, mas é uma herança e uma mistura da identidade de seus pais. Além disso, é uma identidade composta por signos e contextos linguísticos que também são marcas históricas. Logo, este trecho inicial introduz algumas noções importantes para a compreensão da formação identitária do personagem de Hugo Hamilton, como o desconhecimento do mundo, a identidade hereditária, social e histórica.

No início do seu segundo livro de memórias, Hamilton complementa a visão que tem acerca de sua identidade:

As pessoas dizem que você nasce inocente. Não é verdade. Você herda todos os tipos de coisas com as quais você não sabe o que fazer. Você herda a sua identidade, sua história, como uma marca de nascença que não dá para apagar. Nós carregamos a nossa história irlandesa e alemã como um pecado original. Nascemos com a cabeça voltada para trás, mas a minha mãe diz que temos que olhar para o futuro agora. Você tem que conquistar a sua inocência, ela diz. Você tem que crescer e se tornar inocente (HAMILTON, 2006, p. 1).

No trecho citado acima, o narrador reforça a visão de que sua identidade é formada por uma bagagem hereditária, a qual foi recebida de seus pais. Além disso, o autor nos mostra que esta bagagem hereditária, não só tem a ver com as línguas, mas está relacionada com a herança identitária das duas nações de seus pais. Portanto, ele herdou os nomes do pai e da mãe, com suas histórias de vida pessoais, mas principalmente herdou suas nacionalidades, como se as identidades desses indivíduos fossem parte de uma categoria maior que é a identidade nacional. Neste trecho, o personagem também nos apresenta um desejo, o de se tornar inocente. Para melhor explicar este desejo, ele contrapõe inocência *versus* identidade e história. Ao dizer que as pessoas não nascem inocentes porque herdaram uma identidade e uma história, ele mostra que ao herdar a identidade de seus pais, como parte das identidades e histórias alemã e irlandesa, ele deixou de ser inocente.

Para melhor ilustrar o seu sentimento em relação a este processo, ele compara esta herança identitária com uma marca de nascença e com o pecado original.

Nos trechos citados acima, verificamos que o projeto identitário que o autor-personagem se

propõe em seus livros de memórias é encontrar a inocência ao escapar de suas identidades e histórias hereditárias. Uma das tentativas do autor-personagem de realizar esse escape é criar um projeto pessoal autonegação, buscando uma não-identidade no não-lugar. Esse projeto se dá em seu segundo livro de memórias, no *The Sailor in the Wardrobe*.

No primeiro capítulo do seu segundo livro de memórias, o personagem de Hamilton apresenta suas primeiras impressões sobre o porto onde seu amigo Packer lhe arranhou um emprego para trabalhar com um velho pescador chamado Dan Turley. Sua primeira observação a respeito do porto é: “ninguém me pergunta de onde eu venho” (HAMILTON, 2006, p.7). Em seguida, ele descreve as atividades que realizava com o grupo de pescadores de Turley e de várias pessoas que vem a passeio ou para fazer compras. Todas eram desconhecidas e em deslocamento. Hugo termina o capítulo apresentando seu projeto pessoal para sua estada no porto:

É o porto do esquecimento e de nunca mais olhar para trás. Este verão eu vou escapar e conquistar a minha inocência. Adeus ao passado, à guerra e ao ressentimento. Adeus às notícias de assassinatos no rádio, aos funerais e ao choro. Adeus às bandeiras e aos países. Adeus à vergonha, à culpa e à mente cheia de dor (HAMILTON, 2006, p.9).

No capítulo quatro, Hugo diz que no porto, todos tem uma nova identidade. Seu amigo Packer dava a todos um novo papel, uma nova vida e, às vezes, até um novo nome. Ele tinha o dom de fazer todo mundo se sentir como se fosse recém-criado e como se o porto fosse um lugar ficcional, fora deste mundo. Ele lhe deu uma nova identidade. Para ele, Hugo era o observador silencioso. Também lhe deu um novo nome: Vlad, aquele que respira.

Hugo conta que o pescador para quem trabalhava veio de Derry, uma cidade na Irlanda do Norte de maioria católica e com muitos conflitos. Não se sabia muito sobre Turley porque ele era um homem calado. O narrador explica que Turley era um homem que nunca olhava para trás e que queria se esquecer de seu próprio nome.

Em sua primeira experiência como pescador-ajudante no barco de Turley, o personagem ressalta o silêncio. Então, ele ouve do barco alguém gritar o nome de seu capitão na encosta. O capitão pareceu não ouvir e ignorou o grito. Ele explica que Turley queria esquecer o próprio nome. Ele comenta: Eu sei que não há nenhum lugar para se esconder da sua memória e do próprio nome. Ele vem atrás de você, te seguindo pelas ruas, no ônibus ou até no barco. Seu nome te persegue como uma maldição (HAMILTON, 2006, p.11).

A partir dessa constatação é possível perceber que o personagem de Hamilton começa a desacreditar do seu projeto. Ele começa a perceber que por mais que ele e seu capitão Dan Turley queiram escapar de suas identidades e história; isso não será possível.

No episódio seguinte, de volta ao porto, Hugo avistou sua mãe caminhando com seu irmão menor, Ciaran. Sem avisar, ela veio conhecer o local onde ele trabalhava. Hugo não queria a presença de sua mãe lá. Ele a viu conversar com Dan Turley e perguntar por ele. Turley não sabia responder por que não compreendia a mulher que falava alemão. Irmgard, então, começou a gritar pelo seu nome: Hanni!

Hugo não queria ignorar sua própria mãe, mas também não queria que ninguém no porto soubesse de sua identidade. Ao se manter escondido e não atender o chamado da mãe, ele se sentiu ignorando toda sua história: as fotografias de infância, as férias em Kempen, seus tios e tias e os presentes que enviavam no Natal. Ele comenta que aquela língua não era a sua e que ele fez o país de sua mãe desaparecer do mapa. Por fim, viu sua mãe e seu irmãozinho irem embora e só então deixou seu esconderijo.

No mesmo dia, uma antiga professora sua foi ao porto comprar peixes e frutos do mar. Ela o reconheceu e perguntou se ele era o menino alemão. Hugo negou, disse que não era ele e conversava com ela olhando para o chão para que ela não pudesse ver seu rosto.

Com esses acontecimentos, Hugo se identifica com Turley: “Eu sei o quão ameaçador é ter o seu nome gritado desta forma por uma voz invisível. Seu próprio nome como o pior insulto do mundo” (HAMILTON, 2006, p.16).

Assim como aconteceu com Turley, Hugo também teve a sua identidade, seu nome, o perseguindo e o lembrando de quem ele era e de suas origens. A tentativa de escapar de sua identidade estava começando a fracassar. Além de não conseguir escapar de seu nome, Hamilton conta que a tensão começou a aumentar no porto. A voz que gritava o nome de Dan Turley era de Tyrone, um protestante da cidade de Belfast, na Irlanda do Norte. Turley e Tyrone começaram a viver enfrentamentos.

Na Irlanda do Norte o conflito entre católicos e protestantes se acirrava. As notícias contavam casos de explosões de carros-bombas, atentados terroristas, confrontos nas marchas por direitos humanos e greves de fome. Dan e Tyrone passaram a trocar insultos e coisas suspeitas começaram a acontecer no porto. Alguns barcos de Turley desapareceram e foram encontrados no mar, danificados. As investigações policiais e as suspeitas dos trabalhadores do porto apontavam para Tyrone. Certa vez, Tyrone tentou atacar Turley com um remo. Até que finalmente, Tyrone foi encontrado morto, afogado, boiando no mar.

Hugo já não conseguia mais encontrar o distanciamento que desejava estando no porto. Ele se sentia parte do conflito e, querendo ou não, percebia que tomava a parte de Turley. Quando

Tyrone foi encontrado morto, ele diz que o porto não era mais o seu lugar. Aquele foi o sinal para que ele e seu amigo Packer partissem.

Nós não conseguíamos deixar de conectar a morte de Tyrone com o que estava acontecendo na Irlanda naquela época. Nós ouvíamos as notícias no rádio, cada dia ficando pior e às vezes parecia que estavam inventando novas formas de matar, um novo tipo de violência que nunca havia sido pensado antes. [...] Às vezes, pensávamos que a Irlanda do Norte fosse tão longe quanto o Vietnã, ou pelo menos queríamos que fosse. [...] Então percebíamos que estava ali, ao longo do porto, bem em frente aos nossos olhos (HAMILTON, 2006, p. 227-228).

Analisemos agora a relação do personagem de Hugo Hamilton com o porto. Para fazê-lo, partiremos da teoria literária de Bakhtin sobre os cronotopos. Bakhtin (2002) afirma, em seu livro *Questões de Literatura e Estética*, que na literatura há uma fusão indissociável entre tempo e espaço cuja função primordial é revelar o indivíduo histórico. A essa fusão, Bakhtin dá o nome de cronotopo.

Averiguemos, pois, o conceito de cronotopo bakhtiniano em relação a algumas das afirmações iniciais do personagem sobre o porto. Sua primeira afirmação, “ninguém me pergunta de onde eu venho”, faz referência a um lugar em que não há interesse pelo passado e por uma identidade de origem. Em seguida, quando Hugo apresenta seu projeto inicial para sua vivência no porto, ele afirma “esse é o porto do esquecimento”, “de não olhar para trás” e de dar “adeus ao passado”. Consequentemente, constatamos que há uma associação direta entre o local, o porto, e o tempo, o passado. No entanto, essa associação entre os elementos temporais e espaciais não se dá exatamente como nos moldes bakhtinianos, ou seja, pela representação do tempo e do espaço de forma afirmativa para a revelação da identidade de um personagem. Ao contrário, pelas palavras de Hamilton, o porto se constitui como um lugar para anular o tempo passado e negar as origens que determinam a sua identidade. Portanto, podemos dizer que a associação entre tempo e espaço e identidade se dá, no caso do protagonista, pela via negativa. Se tempo e espaço são elementos indissociáveis e Hugo almeja negar o tempo, podemos dizer que ele vê o porto também como um não-lugar em um não-tempo. Para confirmar essa perspectiva do não-lugar, no mesmo parágrafo em que apresenta seu projeto para o porto, ele afirma que lá dará “adeus às bandeiras e países”. Essa afirmação confirma a visão do porto como um não-lugar, ou seja, um lugar que não seja marcado pela história ou por uma identidade. Além disso, se o pressuposto bakhtiniano diz que a fusão entre tempo e lugar serve para revelar o indivíduo, podemos entender o porto como um não-lugar em um não-tempo que revela um não-indivíduo. Dessa forma, o projeto inicial do personagem para o porto se constitui na tentativa de escapar da sua história, através do não-tempo, e de sua identidade, através da não-identidade, em um não-lugar.

Tratando ainda desse parágrafo em que o protagonista apresenta seu projeto para o porto, percebemos que a busca pela negação de todos esses elementos, identitário, espacial e temporal, se dá por alguns motivos. Logo após afirmar que deseja dar “adeus ao passado”, Hamilton expressa também o anseio de dar adeus à “guerra” e ao “ressentimento”. Podemos entender que o desejo de Hamilton pelo não-tempo se dá devido ao passado, ou seja, o tempo em sua via afirmativa, ser marcado por guerras e ressentimentos. No trecho em que Hamilton afirma querer dar adeus “às notícias de assassinatos no rádio, aos funerais e ao choro”, ele se refere ao que seu pai chama de uma espécie de continuidade da Segunda Guerra Mundial. Jack dizia que os quatro aliados continuavam fazendo o mesmo, como se não pudessem perder o hábito. Então, eram as tropas francesas na Algeria, as russas em Praga, as americanas no Vietnã e as britânicas na Irlanda do Norte (HAMILTON, 2006, p. 15). Esse era o presente que era noticiado nas rádios. Hamilton queria fugir do tempo, passado e presente, e das fronteiras que demarcam os lugares. A razão para isso ele explica em seguida: “a vergonha, a culpa e a mente cheia de dor” (HAMILTON, 2006, p. 9).

Para compreender melhor a relação de Hamilton com o porto, averiguemos a perspectiva teórica de Marc Augé sobre os não-lugares. Augé (1994) identifica que há, especialmente na supermodernidade, espaços que podem ser chamados de não-lugares. Esses são lugares não-relacionais, não-históricos, não-identitários ou não-antropológicos. Os não-lugares tem por característica principal a transitoriedade e são significados conforme a sua função de uso, a citar, aeroportos e supermercados. São lugares que parecem não estar conectados com o passado; ao contrário, transmitem a sensação de eterno e constante presente. A vantagem que o não-lugar propicia é a sensação de libertação dos fatores determinantes da identidade. Segundo Augé, o não-lugar traz a sensação de inocência. A identidade da pessoa é associada somente a sua função momentânea, seja a de passageiro, motorista ou cliente. Em suma, o não-lugar permitiria ao indivíduo o escape da história e da identidade.

Assim como o cronotopo bakhtiniano, a teoria de Augé também faz a associação dos elementos tempo, espaço e identidade do indivíduo. Para Augé, o não-lugar, um espaço transitório e sem fixação, gera uma experiência com um tempo sem passado, com a sensação de eterno presente. Se para Bakhtin, a fusão entre tempo e espaço revelam a identidade do sujeito, a via negativa apresentada por Augé faz com que o não-tempo no não-lugar deixe de apresentar as características afirmativas da identidade, permitindo a existência da não-identidade.

Augé também explica a relação de não-identidade e inocência. Para ele, todo não-lugar exigirá de seus frequentadores a apresentação de sua identidade inocente em algum momento como

passaporte de entrada para usufruir o benefício da desconexão com o espaço e o tempo. O autor exemplifica a questão a partir dos contextos de aeroportos e supermercados. Os indivíduos podem usufruir dos benefícios desses ambientes somente após apresentarem suas identificações. Este é o momento de tensão. Se o indivíduo não tem nenhum tipo de culpa, sua entrada no não-lugar é liberada e ele pode usufruir as “alegrias passivas da perda de identidade” (AUGÉ, 1994, p. 83). Se a culpa é identificada, o indivíduo é barrado. Portanto, segundo a perspectiva de Augé, podemos entender que a identidade é o fator mais importante para disparar a relação com o tempo e lugar em suas vias afirmativa ou negativa. Em outras palavras, se a identidade conseguir ser encoberta, especialmente pela não existência de culpabilidade passada, é possível haver o não-lugar e o não-tempo. No entanto, se a identidade é revelada, o lugar e o tempo voltam a ser históricos, antropológicos e relacionais e o indivíduo é forçado a se posicionar.

A teoria de Augé explica exatamente o que o personagem de Hamilton almeja viver, a experiência de um não-lugar em um não-tempo e com uma não-identidade. A descrição inicial sobre o porto confirma as características apresentadas por Augé. O narrador apresenta o porto como um local em que ninguém permanece, todos estão de passagem, estão cumprindo uma função momentânea e não tem fixação ou raiz. Neste lugar limiar e transitório, Hugo acreditava ser possível, viver fora do tempo histórico, seja ele passado ou presente. Finalmente, a identidade de Hugo nesse não-lugar seria somente funcional, ou seja, a de um mero pescador desconhecido. Esse desejo é confirmado pela passagem em que Hamilton afirma que no porto “todos tinham uma nova identidade”. Ao tratar essa nova condição, o narrador explica que o porto chegava a ser um “lugar ficcional” em que ele tinha uma nova identidade associada somente à função básica humana de respirar.

No entanto, aos poucos o personagem de Hamilton percebe que essa configuração de não-lugar não é possível de ser realizada em sua totalidade. E o fator disparador dessa percepção, assim como proposto por Augé, é justamente a revelação da identidade.

Na primeira experiência narrada por Hugo como pescador-ajudante, o acontecimento que chamou sua atenção e que estremeceu a possibilidade de sucesso de seu projeto foi a perseguição de Dan Turley através de seu nome. Após esse evento, Hugo afirma: “eu sei que não há nenhum lugar para se esconder da sua memória e do próprio nome”. Podemos perceber através dessa afirmação que o projeto inicial de Hugo começa a falhar. Novamente, há a associação de lugar, tempo e identidade. Ele percebe que ao ouvir o nome de Turley sendo gritado desde a encosta, a possibilidade de um lugar em que não haja o tempo, a memória, e nem a identidade, o nome, deixa

de existir. No trecho seguinte, o personagem confirma que o fator fundamental para que não haja o tempo e o lugar está no nome: “ele vem atrás de você, te seguindo pelas ruas, no ônibus ou até no barco. Seu nome te persegue como uma maldição” (HAMILTON, 2006, p. 11). Observemos que através da escolha das palavras contidas nessa afirmação, Hamilton coloca o nome como um elemento em movimento e que o segue em espaços de transitoriedade como as “ruas”, o “ônibus” e o “barco”. Portanto, percebemos que o nome, ou a identidade como entendemos, é um elemento que nos acompanha até nos não-lugares, como colocado por Augé. O nome, ou a identidade, é o elemento mais difícil de escapar, segundo Hamilton.

Pouco tempo depois, uma situação semelhante vem a acontecer com o personagem de Hamilton. Ele teve o seu nome gritado por sua mãe no porto. No momento do acontecimento, a primeira coisa que Hugo se lembra é justamente da sua história de vida. Ouvir seu nome, ou lembrar-se da sua identidade, imediatamente o faz lembrar-se do tempo, do passado e dos lugares associados a ele. Ao ter a sua identidade lembrada, ainda que somente para si mesmo, quando sua mãe grita seu nome; Hugo se lembra das suas viagens à Alemanha, da sua família e da língua do país de sua mãe. Finalmente, ao ignorar o chamado de seu nome, Hugo afirma estar “apagando o país de sua mãe do mapa”. Portanto, ao ignorar a sua identidade está também ignorando o lugar de origem da sua família, o lugar, e a sua história alemã, o tempo.

Após vivenciar uma situação parecida com a de Turley, Hugo se identifica com ele e afirma: “eu sei o quão ameaçador é ter o seu nome gritado desta forma por uma voz invisível. Seu próprio nome como o pior insulto do mundo” (HAMILTON, 2006, p. 16). Hugo reconhece o potencial ameaçador do nome, ou da identidade, como fator para desvelar a história e atrelá-lo a um lugar.

Augé explica que a revelação do nome ocorrerá, em algum momento, no não-lugar. Lembramos que para o autor, o benefício da não-identidade só é possível para aqueles cuja identidade é dada por inocente. Ou seja, primeiro é necessário provar inocência para ter uma não-identidade no não-lugar. O projeto de Hamilton é problemático quando ele pensa ser possível primeiramente ter uma não-identidade e depois se tornar inocente no não-lugar. O fator que, conforme entendemos a teoria de Augé, derruba a possibilidade de existência do não-tempo e do não-lugar, não é exatamente a revelação da identidade, mas sim, a revelação da culpa que está atrelada a ela.

Observemos, então, as palavras que narrador utiliza para descrever o processo de revelação do nome de Turley e de seu próprio. No primeiro caso, ele diz que o nome o “persegue como uma maldição” (HAMILTON, 2006, p. 11). No segundo, ele afirma que o seu próprio nome é “o pior

insulto do mundo” (HAMILTON, 2006, p. 16). As palavras “maldição” e “insulto”, bem como toda a problemática envolvendo a questão do nome, parecem ecoar o projeto inicial de Hugo Hamilton sobre sua identidade.

Como dito anteriormente, o problema inicial de Hamilton em relação ao seu nome está no fato de que sua identidade lhe foi atribuída pelo outro. Além disso, conforme discutimos a questão do nome de Hamilton com base na teoria bakhtiniana, sua identidade, seu nome, é composta também pelos nomes dos outros. É uma identidade individual, porém externa, hereditária e coletiva. Entendemos que é justamente o fator identidade e o caráter social e hereditário contido nela que Hugo Hamilton opõe à inocência. Sabemos, também, que carregar sua história irlandesa e alemã, como parte dos signos hereditários de seu pai e sua mãe que formam o seu nome, é o que Hamilton chama de “pecado original” (HAMILTON, 2006, p.1). O nome, para o personagem de Hugo Hamilton, parece ser um grande símbolo de sua identidade e história e da culpa contida nelas.

Portanto, as palavras “maldição” e “insulto” ecoam a percepção inicial que Hugo Hamilton tem de seu nome, de sua identidade e história, como um “pecado original”. Além disso, lembramos também que o personagem teve sua identidade associada ao nome de Adolf Eichmann. Essa associação trazia a ele a experiência negativa que essas palavras proporcionam. O grito do seu nome ecoa uma grande cadeia enunciativa negativa em sua história de vida.

Para complementar a visão de Augé a respeito da culpa, retomemos o pensamento de Judith Butler. Quando Hamilton diz conhecer o potencial ameaçador que é ter “seu nome gritado desta forma por uma voz invisível”, podemos entender que esse grito se constitui em si como uma ameaça, como uma acusação. Para Butler (2005), o fator mais relevante para que o indivíduo venha a pensar e definir sua identidade é justamente a necessidade de responder a uma acusação. No contexto desse artigo, a acusação é simplesmente ter de assumir o próprio nome. Ouvir alguém gritar o seu nome ou ter alguém perguntando para ele “você é aquele menino alemão?” era o suficiente para que Hamilton sentisse o peso de culpa histórica contida em sua identidade de modo a retirá-lo da experiência com o não-tempo e o não-lugar.

Consequentemente, qual é a experiência de culpa que a revelação do nome trouxe à tona? Como é que a revelação do nome acabou com a tentativa de vivência do não-lugar?

Primeiramente, analisemos a situação de Dan Turley. A revelação do nome de Turley se deu por parte de uma pessoa que o conhecia anteriormente a sua estada no porto de Dublin. Tyrone, o protestante vindo de Belfast, inseriu Turley de volta ao contexto histórico da Irlanda de Norte na década de 7038. O narrador não conta se Turley e Tyrone tiveram qualquer problema um com o

outro antes de virem para o porto. Só sabemos que ambos se conheciam e que pertenciam a grupos sociais rivais e em conflito naquele momento histórico.

A culpa revelada através do conhecimento do nome e identidade de Turley não necessariamente tem a ver com uma culpa individual, com algo feito por ele no passado. Essa pode ser somente o que Nietzsche chama de culpa histórica. Retomando o pensamento do filósofo alemão, a culpa histórica para Nietzsche (1887) é uma dívida para com os antepassados de uma comunidade. É uma obrigação moral e jurídica para com os sacrifícios feitos pelos ancestrais para a manutenção daquela comunidade. É essa necessidade de pagar a dívida que continua alimentando às realizações atuais da comunidade.

A descrição de Nietzsche se encaixa perfeitamente ao contexto do conflito entre Dan Turley e Tyrone no porto de Dublin. Ainda que nesse período na Irlanda do Norte estivesse ocorrendo os Troubles, em que população católica reivindicava igualdade de direitos civis, Turley e Tyrone no porto não estavam lutando por esses motivos. Não havia uma razão concreta e imediata para os enfrentamentos entre os dois a não ser o pagamento da “dívida histórica” conforme citada por Nietzsche. Em parte, já que desconhecemos as razões anteriores ao porto para levar ao confronto dos dois, Turley e Tyrone estavam lutando somente para manter a obrigação moral com os antepassados de suas comunidades. Era uma luta impulsionada pela culpa histórica.

Hugo acompanhou de perto esse confronto. Apesar de não ter tido de fato sua identidade revelada e nem ter tido de arcar com a culpa atrelada a ela, ele se identificava e se reconhecia na figura de Turley. Ele via um homem que queria escapar de seu passado e de sua identidade e que teve, através da revelação de seu nome, de lidar com o peso e o posicionamento que a culpa histórica contida em seu nome lhe trouxe. Da mesma maneira, ele sentia que também teria de se posicionar em relação ao nazismo, ao passado colonial irlandês, a sua origem mista e, também, aos conflitos na Irlanda do Norte. Esse fato representava a falência definitiva do projeto do porto para o personagem de Hamilton.

No trecho final em que Hugo comenta a sua última percepção em relação ao porto, ele afirma esse reconhecimento: “nós não conseguimos deixar de conectar a morte de Tyrone com o que estava acontecendo na Irlanda naquela época”. Ele percebe que o porto deixou de ser o não-lugar e voltou a ser um lugar histórico, antropológico e identitário. O porto voltou a ganhar as fronteiras de “países e bandeiras”. E a sua identidade passou a estar inserida nesse contexto.

Ao ver a falência do projeto do não-lugar, Hugo decide ir embora. Essa atitude pode nos mostrar a incapacidade do personagem de se posicionar e de lidar com a culpa histórica atrelada a

sua identidade. Ao querer partir mais uma vez, nos parece que o personagem de Hamilton ainda quer fugir ou tentar encontrar o projeto de não-lugar em outro contexto. No entanto, apesar de partir, o personagem demonstra que a experiência com o porto lhe trouxe certo ganho de amadurecimento em relação as suas questões identitárias e existenciais.

Ao perceber que seu desejo de distanciamento dos problemas que estavam ocorrendo na Irlanda do Norte como se fossem tão longínquos como os do Vietnã não era possível, o personagem demonstra ter adquiridos algumas compreensões. A primeira delas, a de que não há fuga e nem escapatória para os conflitos históricos relacionados à sua identidade. A segunda, a de que é necessário encarar a complexidade da sua identidade entrelaçada com a história.

### Referências

- AUGÉ, Marc. **Não-lugares** – Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994
- BUTLER, Judith. **Giving an Account of Oneself**. New York: Fordham University Press, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética** – a Teoria do Romance. São Paulo: Hucitec, 2002.
- EAGLETON, Terry. Conquering History. **The Guardian**, February 4th 2006.
- GORDON, Terry J. Fascism and the Female Form: Performance Art in the Third Reich. In: HERZOG, Dagmar. **Sexuality and German Fascism**. Texas: Berghahn, 2005.
- GUENTHER, Irene. **Nazi Chic?** Fashioning Women in the Third Reich. Oxford: Berg, 2004.
- GOUEZ, Aziliz. **Interview with Hugo Hamilton**. Rencontre Européenne. N. 11, Hugo Hamilton, October 2008.
- HAMILTON, Hugo. **The Speckled People**. New York: Harper Collins, 2003.
- \_\_\_\_\_. **The Sailor in the Wardrobe**. London: Harper Perennial, 2006.
- LEE, Hermione. A Tale of Two Tongues. **The Guardian**, Saturday 25 January 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.
- ORLOW, Dietrich. **The Nazi Party 1919-1945: A Complete History**. Nova Iorque: Enigma Books, 2010.
- PAWLEY, Margaret. **The Watch on the Rhine: The Military Occupation of the Rhineland**. Londres: I. B. Tauris, 2007

RANDOLPH, Jody Allen. **Close to the Next Moment** – Interviewing from a Changing Ireland. Manchester: Carcanet, 2010.

REILLY, Kevin; KAUFMAN, Stephen; GODINO, Angela. **Racism: a Global Reader**. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2003.

SCHLEUNES, Karl. A. **The Twisted Road to Auschwitz: Nazi Policy Toward German Jews, 1933-1939**. Illinois: Illini Books, 1990.

STACKELBERG, Roderick. **Hitler's Germany: Origins, Interpretations, Legacies**. Londres: Routledge, 1999.

STEIN, George H. **The Waffen SS: Hitler's Elite Guard at War, 1939-1945**. Nova Iorque: Cornell University Press, 1966.

SZANAJDA, Andrew. **The Restoration of Justice in Postwar Hesse, 1945-1949**. Plymouth: Lexington Books, 2007.

WEBER, Jurgen. **Germany, 1945-1990: A Parallel History**. Monique: CEU Press, 2004.

WILLS, Claire. **The Neutral Island: A Cultural History of Ireland During the Second World War**. Londres: Faber and Faber, 2007.

*Recebido em: 01 de julho de 2022.*

*Aprovado em: 25 de agosto de 2022.*